

Bd Boom

propostas de trabalho

Desenhar uma bd Fazer uma ilustração

(...) O gato Malhado aspirou a plenos pulmões a Primavera recém-chegada. Sentia-se leve, gostaria de dizer palavras sem compromisso, de andar à toa, até mesmo de conversa com alguém. Procurou mais uma vez com os olhos pardos, mas não viu ninguém. Todos haviam fugido.

Não, todos não. No ramo de uma árvore a Andorinha Sinhá fitava o Gato Malhado e sorria-lhe. Somente ela não havia fugido. De longe seus pais a chamavam em gritos nervosos. E, dos seus esconderijos, todos os habitantes do parque miravam espantados a Andorinha Sinhá que sorria para o Gato Malhado. Em torno era Primavera, sonho de um poeta. (...)

Em torno era a Primavera, sonho de de um poeta. O gato Malhado teve vontade de dizer algo semelhante à andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

– Tu não fugiste com os outros?

– Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

– Feio, eu?

O gato malhado riu, riso espantoso de quem se havia desacostumado de rir, e desta vez até as árvores mais corajosas, como o Pau-Brasil – um gigante – estremeceram. “Ela o insultou e ele a vai matar”, pensou o velho Cão Dinamarquês.

O Reverendo Papagaio – reverendo porque passara uns tempos no seminário onde aprendera a rezar e decorara frases em latim, o que lhe dava valiosa reputação de erudito – fechou os olhos para não testemunhar a tragédia. Por duas razões: por ser emotivo, não lhe agradando ver sangue, menos ainda de andorinha tão formosa, e por não desejar servir como testemunha se o crime chegasse à justiça, massada sem tamanho, tendo de decidir entre dizer a verdade e arcar com as consequências da ira do Gato malhado – processo por calúnia, umas bofetadas, o bico arrancado, quem sabe lá o quê – ou mentir e ficar com a fama de covarde, de cúmplice do assassino. Situação difícil, o melhor era não testemunhar. Em troca rezou pela alma da Andorinha Sinhá, ficando em paz com a sua consciência, uma chata cheia de exigências.

A própria Andorinha Sinhá sentiu que exagerara e, por via das dúvidas, voou para um galho mais alto onde ficou bicando as penas num gesto de extrema faceirice. O gato malhado continuava a rir, apesar de se sentir um tanto ofendido. Não porque a Andorinha o houvesse tachado de mau e sim por tê-lo chamado

de feio, e ele se achava lindo, uma beleza de gato. Elegante também.

– Tu me achas feio? De verdade?

– Feíssimo...- reafirmou lá de longe a Andorinha.

– Não acredito. Só uma criatura cega poderia me achar feio.

– Feio e convencido!

A conversa não continuou porque os pais da Andorinha Sinhá, o amor pela filha superando o medo, chegaram voando, e a levaram consigo, ralhando com ela, pregando-lhe um sermão daqueles. Mas a Andorinha, enquanto a retiravam, ainda gritou para o gato:

– Até logo, seu feio...
Foi assim, com esse diálogo um pouco idiota, que começou toda a história do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá. (...)

Jorge Amado

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor
Publicações Europa-América, 8ª edição, 1999

Livro adoptado no programa da língua portuguesa, 8º ano

1. PROPOSTA DE TRABALHO

Construir uma prancha de bd numa folha A3

1. Estudo das personagens. O gato, a andorinha, o papagaio

2. Esboço da prancha. Composição da acção, inserir o texto e os diálogos .

3. (Re)desenhar a bd.

4. Dar atenção à letragem, (o que se escreve nos balões e nas legendas), ao tipo de letra, para facilitar a leitura.

2. PROPOSTA DE TRABALHO

Ilustrar o texto. Criar uma imagem que transmita a ideia do que poderia ter acontecido à andorinha e simultaneamente do que aconteceu.

Sugestão: técnica mista ou colagens.

Nota: esta proposta de trabalho pode ser adaptada a diferentes faixas etárias (10/18)

Fernanda Fragateiro
O Gato Listrado
Publicações Dom Quixote, 1991



DESENHAR UMA BD

(...) Assim um dia a caravela ancorou em frente duma larga e bela baía rodeada de arvoredos. Na longa praia de areia branca e fina, um pequeno grupo de negros espreitava o navio. Então o capitão resolveu mandar a terra dois batéis com homens para que tentassem estabelecer contacto com os africanos. Mas logo que os batéis tocaram a areia os negros fugiram e desapareceram no arvoredo.

– Talvez tenham tido medo por ver que nós somos muitos e eles são poucos – disse um português chamado Pêro Dias.

E pediu aos seus companheiros que lhe deixassem um batel e embarcassem todos no outro e se afastassem da praia. Mas os companheiros acharam este plano tão arriscado que não o quiseram aceitar. Porém, Pêro dias insistiu tanto que eles acabaram por fazer como ele pedia e remaram para o largo.

O português mal ficou sózinho caminhou até meio da praia e ali colocou panos coloridos que tinham trazido como presente. Depois recuou até à orla do mar, encostou-se ao batel que ficara e esperou. Ao cabo de algum tempo saiu da floresta um homem que trazia na mão uma lança longa e fina e avançava negro e nu na claridade da praia. Avançava passo por passo, lentamente, vigiando os gestos do homem branco que junto do batel continuava imóvel. Quando chegou perto dos panos parou e examinou com alvoroço a oferta. Depois ergueu a cabeça, encarou o português e sorriu. Este sorriu também e avançou uns passos. Houve uma pequena pausa. Depois, num acordo mútuo, os dois homens, sorrindo, caminharam ao encontro um do outro. Quando entre eles ficaram só seis passos de distância, pararam.

– Quero paz contigo – disse o branco na sua língua.

O negro sorriu e respondeu três palavras desconhecidas.

– Quero paz contigo – disse o branco em árabe.

O negro tornou a sorriu e tornou a repetir as palavras ininteligíveis.

– Quero paz contigo – disse o branco em berbere.

O negro sorriu de novo e mais uma vez respondeu as três palavras exóticas.

Então Pêro Dias começou a falar por gestos. Fez o gesto de beber e o negro apontou-lhe a floresta. Fez o gesto de comer e o negro apontou-lhe a floresta. Com um gesto de convite o marinheiro apontou o seu batel.

Mas o negro sacudiu a cabeça e recuou um passo. Vendo-o retrair-se o português, para voltar a estabelecer a confiança, começou a cantar e a dançar. O outro, com grandes saltos, cantos e risos, seguiu o seu exemplo. Em frente um do outro bailaram algum tempo.(...)

Andresen, Sophia de Melo Breyner

O cavaleiro da Dinamarca, Porto Figueirinhas, 2001

Livro adoptado no programa da língua portuguesa em articulação com a disciplina História, 7º ano

PROPOSTA DE TRABALHO

1. Investigar e retirar elementos de bd's sobre os Descobrimentos Portugueses (ver ficha bibliográfica).

2. Estudo das personagens, cenários e adereços.

3. Esboço da prancha (A3), composição da acção, inserir o texto e diálogos.

4. (Re)desenhar a bd.

5. Dar atenção à letragem, (o que se escreve nos balões e nas legendas) ao tipo de letra, para facilitar a leitura.

Sugestão de técnicas: contorno a caneta preta de ponta fina. Aplicar a cor não na prancha original mas na fotocópia.

Nota: esta proposta de trabalho pode ser adaptada a diferentes faixas etárias (10/18)

Vitor Péon
Nos Mares da China
Futura, 1985

